

## ESTUDO DA PREPOSIÇÃO *EM* COMO SIGNO GRAMATICAL: UMA RELAÇÃO TRICOTÔMICA

*Evangeline Ferraz Cabral de Araújo* (UESB)

[evangelinecabral@hotmail.com](mailto:evangelinecabral@hotmail.com)

*Valéria Viana Sousa* (UESB)

[valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)

*Jorge Augusto Alves da Silva* (UESB)

[adavgvstvm@gmail.com](mailto:adavgvstvm@gmail.com)

### RESUMO

Objetivamos, neste artigo, realizar um estudo sobre a preposição *EM*, considerando-a como signo gramatical tricotômico. Para isso, faremos uma relação do que Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, define como signo linguístico, a união do significante com o significado, com um terceiro elemento, retirado por ele dos estudos linguísticos no âmbito do estruturalismo: o *referente*. Trabalhar com essas três partes seria acrescentar um elemento a mais na constituição do signo, atribuindo, assim, ao invés de uma dicotomia, um valor tricotômico a ele. O conceito de referente que tomamos como base para este estudo foi postulado desde os estoicos e retomado, posteriormente, por estudiosos como Richards e Ogden (1923) por meio de Cardoso (2003).

**Palavras-chave:** Signo linguístico. Referência. Preposição *EM*.

### 1. Introdução

As discussões acerca da referência na linguagem envolvem estudiosos tanto da Linguística quanto da Filosofia. O nosso foco, com esse estudo, é mostrar como a referência é vista em algumas teorias linguísticas, relacionando as ideias saussurianas sobre o signo linguístico à noção de referenciação. Para isso, iniciaremos os nossos trabalhos a partir da definição de língua, signo linguístico e fala apresentada por Saussure, mostrando que o referido autor, ao definir a língua como um sistema, aponta o nascimento de uma teoria, cujos estudos só poderiam ser feitos por meio da língua estudada por ela mesma. Nesse sentido, o autor fez alguns recortes teóricos, retirando, dos postulados linguísticos, elementos que influenciam a língua, tais como a história e o referente, Optou, assim, por estudar a dicotomia do signo, *significante – significado*, e a língua em uma perspectiva sincrônica.

Após a autonomia da linguística como ciência, outras teorias foram surgindo e, a depender da necessidade dos estudos, surgiram, tam-

bém, outros pontos de vistas em relação à língua. É com este interesse que procuramos estudar o signo linguístico não como uma dicotomia, e sim como um elemento tricotômico, retomando os estudos clássicos, cuja essência é formada por um *significante*, um *significado* e um *referente*.

O item linguístico que tomamos como objeto de estudo nesse trabalho é a preposição EM e suas funções. Assim, ao afirmar que a preposição EM não é totalmente um elemento esvaziado semanticamente, postularemos que os falantes, ao realizar esse uma sentença em que esse elemento esteja inserido, são remetidos a funções representativas de ESPAÇO, TEMPO e TEXTO/PROCESSO.

As partes que compõem o trabalho foram dispostas da seguinte forma: na primeira seção, faremos um breve apanhado da noção de língua, fala e signo linguístico para Saussure, pois, em seguida, na segunda seção, trataremos da noção de referente, postulado desde os estoicos, formando uma tríade linguística (*significante*, *significado* e *referente*); na terceira seção, trabalharemos com alguns postulados sobre as preposições, de um modo geral, e sobre a preposição EM, amparados nos estudos da tradição gramatical e linguística; por fim, na quarta e última seção, faremos a relação da preposição em foco neste estudo, tratada aqui, por nós, como signo gramatical, com a tricotomia *significante*, *significado* e *referente*.

## 2. O signo linguístico

Como já é sabido, Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, define a língua como um conjunto de convenções adotadas pelo corpo social, para que se exercite a faculdade da linguagem. Nesse caso, confundir a língua com a linguagem, para o autor, seria um equívoco, pois a primeira é somente uma parte dessa faculdade mental que é a linguagem, caracterizada por ser heteróclita e multiforme e definida como um sistema de signos que exprimem ideias. Desse modo, coube a Saussure definir o que seria o signo linguístico e as partes que o compõe.

Para o estudioso, o signo linguístico é a união do significante com o significado, sendo o significante o mesmo que o conceito, e o significado, a imagem acústica:

[...] Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão [...] psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial s, se chegamos a chamá-la “material”, é so-

mente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2012, p. 106)

No âmbito do estruturalismo, os signos são responsáveis pela distinção de duas ideias de forma clara e constante. Assim, por ser um elemento sem forma e definição, o pensamento não exhibe ideias preexistentes, pois, antes do aparecimento da língua, os elementos psíquicos não estão, ainda, delimitados.

O papel característico da língua diante do pensamento não é criar um meio fônico para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades [...]. (SAUSSURE, 2012, p. 159)

Desse modo, o termo linguístico torna-se uma espécie de articulação “em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia” (SAUSSURE, 2012, p. 159). É com base nessa definição que consideramos, no presente estudo, a preposição EM como um signo gramatical, pois o significante “em” une-se ao significado “preposição”, isto é, o elemento exerce uma função preposicional quando inserido no texto.

No que diz respeito à fala, Saussure a define de forma opositiva à língua. Segundo o autor, esta é um ato individual, sendo que a vontade e inteligência do falante são de suma importância para que haja a realização de combinações no código linguístico e, assim, ele expresse seu pensamento pessoal. Assim, a fala torna-se um elemento acessório, ao passo que a língua é um elemento essencial.

Diante disso, é possível afirmar que Saussure optou por fazer um recorte metodológico, priorizando o estudo da língua ao invés de estudar a fala. Já para os nossos estudos, consideramos a fala de suma importância para a interação comunicativa do falante em contextos reais de uso, pois percebemos que ele apresenta alguma intenção ao enunciar algo. Diante disso, na seção seguinte, traremos alguns postulados linguísticos sobre o conceito de referente.

### **3. *Signo linguístico + referente***

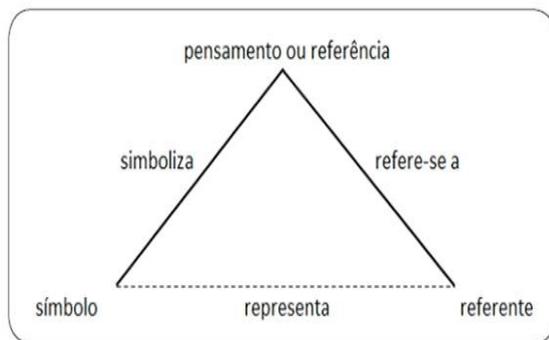
Sabendo que Saussure retirou dos seus estudos a teoria da referenciação, optando por estudar somente a dicotomia significante/significado, a partir de agora, tentaremos fazer um estudo do signo linguístico evidenciado por Saussure com a noção de referente, relacionando-os à

preposição EM.

Após o aparecimento das ideias saussurianas sobre o signo linguístico, alguns estudiosos voltaram a considerar a relação do sentido com o contexto, reconhecendo que a linguagem interdepende da realidade, tornando o discurso como heterogêneo. (SOUSA, 2008)

É interessante observar que a linguagem, no século XX, perpassa do conceito inicial e singular de expressar o pensamento ou agir apenas como instrumento de comunicação para uma atividade que atua interativamente em uma formação discursiva sobre os interlocutores. É, assim, fortalecido o entendimento de que a linguagem resulta na ação, ou melhor, na interação. (SOUSA, 2008)

Com a decisão de definir o signo linguístico como a junção do significante e o significado, Saussure excluiu dos seus estudos um terceiro elemento que também compunha o signo, formando uma tríade: *significado, palavra e referente*. Este terceiro elemento foi postulado desde o tempo dos estoicos e, posteriormente, Richards e Ogden visualizou a tríade do signo linguístico da seguinte forma (CARDOSO, 2003):



**Imagem 1: Triângulo do signo linguístico, postulado por Richards e Ogden (1923).**

Podemos perceber, no triângulo acima, que a ponta do objeto que está representando o *símbolo* seria o mesmo que o *significante* de Saussure. Já o outro extremo, representando *pensamento ou referência*, refere-se ao significado. Por fim, há o acréscimo de outro elemento, no outro extremo do triângulo, representando o *referente*.

Com essa representação, esses estudiosos estariam, de certa forma, compensando (reparando) a extradição do referente realizada no estruturalismo e trazendo à realidade, o elemento, nesse momento, visto como necessário, para compor a relação entre significante e significado. (SOUSA, 2008)

Segundo Cardoso (2003), porém, quando se refere à mudança do signo linguístico, Saussure atribui a isso o deslocamento entre a relação do significante com o significado, mas não determina as suas causas, pois ele recusa a atuação dos fatores sociais na língua. Ao desconsiderar isso, o referido autor revoga a relação contínua existente entre língua e realidade, já que, nesse caso, a língua não pode ser considerada, meramente, como estrutura.

Foi nesse sentido, de língua como estrutura, que a corrente teórica estruturalista desconsiderou o referente da língua, uma vez que, para os estudiosos dessa área, os elementos linguísticos possuem sentidos isoladamente, independentemente do contexto em que está inserido. Dessa forma, eles podem ser catalogados em dicionários, selecionando, assim, as suas semelhanças e diferenças (CARDOSO, 2003). Essa visão etiquetada da língua sofre várias críticas, como é o caso de Mondada e Dubois (2003) que acreditam em uma concepção de língua, cujo sujeito constrói “através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo”. Ainda, conforme as autoras, os sujeitos não encontram categorias e objetos de mundo preexistentes, mas estes são elaborados nos meios sociais que estão inseridos. Em outras palavras, o contexto interacional torna-se de suma importância para que os sujeitos construam referentes em suas mentes, retomando-os quando estiverem em práticas discursivas, sendo que aquilo que é considerado como referência estável, em um dado momento, pode ser desconsiderado em outro, dependendo da mudança de contexto ou de ponto de vista. (CAVALCANTE, 2011)

Nosso argumento consiste em dizer que a “estabilidade” resulta, de fato, de um ponto de vista realista que relaciona as categorias às propriedades do mundo – como se a objetividade do mundo produzisse a estabilidade das categorias – no lugar de relacioná-las aos discursos sócio-históricos e aos procedimentos culturalmente ancorados [...]. (CAVALCANTE, 2011, p. 27)

Nas palavras de Cavalcante (2011), o referente são elementos construídos mentalmente quando algum texto é enunciado. Ele não pode ser confundido com o significado, em virtude de não ter uma construção mental única, pois cada falante concebe de modo diferente, em sua mente, um referente para o que está sendo enunciado.

Realizadas essas abordagens, a seguir, faremos um breve estudo sobre a preposição, mais especificamente, a preposição EM para, em seguida, relacioná-la à tríade do signo linguístico postulada por Richards e Ogden (1923).

#### **4. A preposição em**

Nesta seção, apresentaremos algumas abordagens sobre as preposições, em especial, sobre a preposição EM, mostrando o que os autores pensam sobre as funções que as preposições denotam dentro de um contexto. Para isso, exibiremos alguns conceitos encontrados nas gramáticas, relacionando-os aos postulados da teoria linguística para esta categoria gramatical.

Na visão das gramáticas normativas, a preposição é, somente, um termo de ligação de sentenças. Nessa concepção, parece que, à medida que vai funcionando somente como um elemento funcional em um texto, a preposição se esgota semanticamente, não exercendo função nenhuma (ILARI & BASSO, 2014). Porém, Castilho (2010) defende que elas atuam como núcleo do sintagma preposicional, desempenhando três funções distintas: 1. Função sintática; 2. Função semântica; 3. Função discursiva. No primeiro caso, as preposições funcionam como conector de palavras e sentenças, sendo esta a função principal desta categoria. O segundo caso diz respeito, de um modo geral, ao sentido de localização espacial, como, por exemplo, a preposição EM, cuja função primeira é a de ESPAÇO<sup>99</sup>. Já a terceira função funciona como um acréscimo de informações secundárias e organização textual.

Evidentemente, as preposições são elementos fundamentais na estrutura de uma língua. Então, assim como outros termos, Poggio (2002) postula que elas variam de uma língua para outra, tanto em quantidade quanto em qualidade. Por isso, há uma dificuldade em reconhecer os valores semânticos desta categoria.

A sutileza que se pode constatar nos sentidos próprios desses elementos e, conseqüentemente, a dificuldade de percepção dos valores semânticos de cada um deles foram suficientes (sic) para que se afirmasse que as preposições podiam ser consideradas como palavras vazias (TERNIÈRE, 1976, p. 80). Tal conceituação, atualmente não é mais admissível, pois sabe-se que, da presença de um signo, necessariamente, infere-se a presença de um significado. (POLLARD, 2002, p. 100)

Em consonância com Castilho, Ilari et al. (2008) defendem que preposições, como *a*, *de*, *em* e *para* podem ser classificadas como mais gramaticalizadas, pois são, mais facilmente, amalgamadas a outros ele-

---

<sup>99</sup> INF: Não eh... foi só pra descansá mesmo. Aí eu saí e fui em Itapetinga (A.S.A., Feminino, 39 anos, PPVC).

mentos linguísticos. Além disso, elas possuem um valor semântico mais complexo, podendo funcionar como introdutoras de argumentos e de adjuntos, sendo, assim, mais frequentes que as menos gramaticalizadas. Inclusive, Castilho (2010) ressalta que o processo de gramaticalização das preposições segue três passos, a saber: (1) recategorização de outras classes, (2) regramaticalização de preposições já existentes, e (3) desaparecimento de preposições.

Não sendo diferente das outras preposições, a preposição EM, segundo Cunha e Cintra (1985), apresenta dois sentidos: movimento e situação. No que diz respeito ao primeiro sentido, os autores a definem como “superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de” (p. 556). Em relação ao segundo sentido, a preposição em seria uma “posição do interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (p. 557). Em contrapartida, Bechara (2009) vai além, postulando dez sentidos<sup>100</sup> para ela.

### **5. Relação: a preposição em como signo gramatical tricotômico**

A partir do princípio unidirecional da língua, postulamos que a preposição EM exerce as funções de ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, seguindo uma escala funcional do [+concreto] para o [+abstrato] respectivamente, sendo que a função de ESPAÇO seria a [+concreto] e a de TEXTO a [+abstrato].

Para o caso particular de elementos argumentativos, a escala proposta por Heine et al. (1991) é a seguinte: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO. Segundo eles, esta escala também representa um processo unidirecional que parte do [+concreto] para o [+abstrato]: elementos designativos de espaço [+concreto] passariam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto] [...] (ABRAÇADO, 2006).

Postulamos essa derivação de sentido, com base nos estudos funcionalistas, pois percebemos que a preposição EM não mais desempenha, somente, a função unitária, canônica de ESPAÇO, uma vez que o que antes aparecia como um sentido cristalizado, agora, passa a ser utilizado em referência a outros sentidos.

---

<sup>100</sup> A) Lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado; B) Tempo, duração e prazo; C) Modo, meio; D) Nova natureza de um ser; E) Preço, avaliação; F) Fim, destinação; G) Estado, qualidade ou matéria; H) Causa, motivo; I) Lugar para onde se dirige em movimento, em sentido próprio ou figurado; J) Forma, semelhança, significação de um gesto ou ação.

É com base no que foi exposto e nesse processo de ampliação semântica que tentaremos fazer a relação da tríade linguística, significante – significado – referente, com a preposição EM. Para isso, exibiremos o triângulo postulado por Richards e Ogden (1923), só que, nas pontas relacionais, colocaremos a preposição EM e suas respectivas funções:



**Imagem 2: Representação da tríade linguística da preposição EM**

No triângulo mostrado acima, fizemos um preenchimento dos espaços representativos de cada parte do signo linguístico tricotômico, postulando que a preposição EM seja um signo gramatical de base tricotômica. Assim, postulamos a seguinte relação: (i) o significante, primeira parte do signo linguístico, é representado pelo conceito EM; (ii) na parte do significado, levantamos a hipótese de que a preposição EM, ao ser enunciada, cria uma função representativa, encaminhando o falante para os referentes ESPAÇO, TEMPO E TEXTO, em direção à terceira parte do triângulo. Vale ressaltar que o único referente, nesse caso, concreto seria a função de ESPAÇO, pois o falante, ao utilizar a preposição EM com este sentido, remete ao ESPAÇO CONCRETO<sup>101</sup>. Diante disso, o percurso que a preposição em estudo faz, enquanto signo gramatical tricotômico, parte do significado em direção ao referente, como se o significado servisse de ponte para que as imagens referenciais sejam construídas nas mentes dos falantes. A seguir, exporemos alguns exemplos para melhor demonstrar o aparecimento desses sentidos:

1. **ESPAÇO:** {INIT} Ó as vez' eu... eu... hoj' eu fal' lá em casa que muitas vez' eu atralpei, né, porque eu não tiv' tanta coisa que meu filh' tem hoje mas eu tive uma educação eu... eu tive

---

<sup>101</sup> Em outros estudos, trabalhamos com a hipótese de locativos abstratos, cuja função de ESPAÇO seria mais abstratizada.

assim mas o que eu tinha eu tinha mais cuidado (J. V. B., mulher, 53 anos, PCVC).

2. **TEMPO:** Então a história foi esse ano né, em fevereiro que ahente foi na excursão pra praia né, (A. A. B., mulher, PPVC).
3. **TEXTO/PROCESSO:** Nós era em... em dez irmãos, eu e mais... mais nove, né? (D. A. O., homem, 51 anos, PCVC).<sup>102</sup>

No primeiro exemplo, a preposição EM é precedida pelo advérbio de lugar “lá” e procedido do substantivo “casa”, confirmando que, neste sintagma, a preposição denota o sentido locativo. No exemplo 2, percebemos que o informante está falando sobre uma história que aconteceu em algum momento, sendo que, para isso, ele utiliza elementos temporais, como “esse ano” e “fevereiro”, corroborando o sentido temporal tratado pela preposição EM nesse contexto. No terceiro e último exemplo, podemos perceber o esvaziamento semântico da preposição EM na sentença em que está inserida. Vale ressaltar que, apesar de não ter uma carga semântica tão concreta quanto quando exerce a função locativa e a temporal, a preposição EM, na função discursiva, é essencial para a organização do texto.

## 6. Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos uma proposta de associação da preposição EM à tríade linguística *significante*, *significado* e *referente*, com base nos estudos saussurianos sobre o signo linguístico e na noção de referente defendida por autores como Richards e Ogden (1923). Com isso, concluímos que há a possibilidade de fazer uma relação do signo linguístico estruturalista com os referentes criados na mente dos indivíduos, pois cada falante possui uma capacidade cognitiva de referenciação mental ao um texto ser enunciado. Vale ressaltar que não pretendemos fazer, aqui, uma exclusão de teorias, mas sim, uni-las em função de um estudo mais amplo e que atenda às necessidades dos objetivos propostos à pesquisa.

---

<sup>102</sup> Exemplos retirados dos *corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista (*corpus* PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (*corpus* PCVC).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇADO, Jussara. A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 9, n. 18, p. 130-148, 1º sem. 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. O problema da gramaticalização das preposições no projeto "Para a História do Português Brasileiro". *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. XXXIII, p. 982-988, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ILARI, Rodolfo et al. A preposição. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena Moura. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. II. Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Unicamp, 2008.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed., 5. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULIA, Alena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

POGGIO, Rosaura Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: Edufba, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUSA, Valéria Viana. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. 2008. Tese (Doutorado). – UFPB, João Pessoa, 2008.